A CENA MUDA

Miguel Angel Fernandez

COPYRIGHT © 2000 by MIGUEL ANGEL FERNANDEZ

ISBN- 85-7480-017-1

Direitos reservados e protegidos
Pela Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial
Sem a autorização, por escrito, do autor

Sumário

8 ▪ AVANT-PRÈMIERE

11 ▪ SÃO PAULO, CAPITAL DO CAFÉ. GUARUJÁ EM CHAMAS. ABOLIÇÃO DECRETADA EM 88...

18 ▪ PERNAMBUCO, GOUVEIA. MADEIRA-MAMORÉ. TONHO SONHA COM SÍTIO E ESPERA MORRER VELHO

22 ▪ SÃO PAULO, CEMITÉRIO DO CAFÉ. PIERRE E SUA LÍNGUA NORDESTINA. CONSPIRAÇÃO DE TENENTES E PAULISTAS...

32 ▪ LIVRARIA TEIXEIRA. ÍRIS E DIAFRAGMA PROMETEM FITAS SONORAS. GETÚLIO MANDA...

42 ▪ JUDIAÇÃO DO CINEMA SONORO. NOVIDADES DA TELA VERSUS PREÇO DO METRO DE SEDA FRANCESA...

49 ▪ ENCOURAÇADO SÃO PAULO. MISS BRASIL. REVOLUÇÃO RUSSA VERSUS OUTUBRISTA...

78 ▪ ALVARENGA, JANTAR E GORJETA ESPERAM MAGDA E JANDIRA SE CONHECEREM...

84 ▪ CINCO GATINHOS ÚMIDOS E GRAVIDEZ INDESEJADA. HONÓRIO ATACA RUSSOS E PAULISTAS COMUNISTAS...

92 ▪ FINALMENTE A TERRA DAS ANDORINHAS, DE SOGRA E CUNHADO. VÁRIAS DECOBERTAS DEPOIS...

99 ▪ ALVARENGA CONTRATA CORINTIANO. 8 MILHÕES DE PAULISTAS, POTENCIAIS FREGUESES DO REFINAMENTO...

104 ▪ **M.M.D.C**: MATA MINEIRO, DEGOLA CARIOCA..

109 ▪ FESTA POLITIZADA EM CASA DE FAUSTO...

121 ▪ COLAR DE PRESENTE. JANDIRA, CHAMPAGNE
E COCAÍNA NÃO SE MISTURAM.

128 ▪ LAMBEDEIRA, FACÃO E MORTE.UMA FACA ENTERÇADA
MENOS DOIS OLHOS...

133 ▪ EUCLIDES FIGUEIREDO E RICARDO ALVARENGA...

135 ▪ DENODO, MEDO, PATRIOTISMO NOS CAMPOS DA GUER-
RA CÍVICA. ENFERMEIRA NO ÉCRAN...

140 TONHO CAÇANDO CORINTIANO EM PLENA
REVOLUÇÃO. DE FACA E PICAÇU ATÉ A CINTURA.

142 ▪ PARIS-BELFORT NO RÁDIO. PEDREGULHO NO SACO DO
PAPAGAIO. UMA BALA NO BOLSO E PEDRO MORTO.

153 ▪ SAPATO NA GOELA PRODUZ VÔMITO.
AMOR DESCOBERTO, MORTE.

165 ▪ PEIXES DO TIETÊ MORDEM LÍNGUA NORDESTINA E
DESOVAM NUM ROLLS-ROY ...

169 ▪ AMBULÂNCIA EM PERIGO FOGE DE BOMBAS
E LEMBRANÇAS INCENDIÁRIAS...

176 ▪ CARTA ENVIADA DO GUARUJÁ QUE ANA NUNCA LEU,

178 ▪ "*CHÂTRER LE NOIRCEUR À L'ANGLAISE*" ERVILHAS,
ALFACE, BATATA E PITADINHA DE CLORIDRATO...

188 ▪ EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS A:
Andre Prado
Bernadete de Lourdes B. Lopes
Dácio A. de Castro
Maria Lucia Barbosa
Juca Kfouri
Pelo apoio, incentivo e presença.

AVANT-PRÈMIERE

Em silêncio entrou no quarto, fechando a porta atrás de si; só então respirou mais calmo. As batidas do coração, que lhe pareceram ecoar ruidosas pela escuridão da casa, diminuíram ao constatar que ela dormia profundamente; boca aberta e leve gargarejar o demonstravam. Reavivou-se a náusea e a determinação de realizar nessa última noite o planejado. Aproximou-se da cama e, sem demora, espalhou espesso líquido debaixo dela até esvaziar a garrafa, guardando-a novamente no bolso do casaco. O forte cheiro do produto dilatou-lhe as narinas e fez seus olhos lacrimejarem. A mulher na cama mexeu-se de leve. Ficou imóvel até ela se aquietar. Caixa de fósforos na mão, acendeu o primeiro, que se apagou no mesmo instante; mordeu o lábio inferior, engolindo um palavrão. Segundo fósforo aceso, dessa vez cuidou para não se apagar, protegendo-o com a mão em forma de concha. Cuidadosamente, abaixou-se e aproximou a chama na mancha que o líquido formara debaixo da cama. Quando o fósforo chiou e apagou-se ao contato com ele, receou ter enchido a garrafa com o produto errado. Agora o cheiro mais intenso aumentava sua excitação. Leve gemido da mulher o paralisou novamente. De joelhos ao lado da cama, curvou-se até seu rosto ficar bem perto do chão. No sono inquieto, ela esticou o braço e a mão, pendurada na borda da cama, roçou-lhe de leve a cabeça. Sobressaltado, acreditando-se descoberto, afastou-se de um pulo. Já tinha na mão a garrafa vazia que retirara do bolso, pronto a quebrá-la na cabeça, mas ela imobilizou-se e continuou a dormir. Devia se apressar, o cheiro nauseante já estava tomando conta do quarto. Voltou a riscar outro fósforo. Dessa vez, em contato com o líquido, a chama foi espalhando- se aos poucos embaixo da cama. Esperou alguns segundos, até se certificar que o fogo atingia os extremos dos lençóis e parte das cortinas da janela. De costas para não perder nenhum detalhe, foi afastando-se em direção à porta. Antes de sair e apesar da inquietação, não conseguiu evitar um sorriso diante da certeza do êxito alcançado. Tudo conforme projetara durante tanto tempo nas suas vigí-

lias. Fechou a porta suavemente; andando pelo corredor, pé ante pé, chegou às escadas; no topo pareceu-lhe ouvir barulho proveniente da cozinha, no térreo. Estranhou. Tinha certeza de estarem sozinhos na casa; ou teria sido do quarto que deixara? Ela acordara? Se assim fosse, certamente uma gritaria histérica já teria tomado conta da casa. Embora apreensivo, impelido pela curiosidade, acabou voltando. Ao chegar à porta encostou o ouvido; o burburinho vinha do interior do quarto. De um puxão abriu a porta, e então o coração palpitou agitado, a respiração parou na boca aberta e os olhos se abriram atônitos diante da imagem fora do roteiro planejado: sentada no meio da cama, ilhada por línguas de fogo que cresciam aos poucos, imobilizada pelo terror e ao mesmo tempo tremendo como folha de papel, tão branca como os lençóis, a mulher olhava-o fixamente. Antes de perceber naquele mirar qualquer vislumbre de súplica ou espanto, repentina convulsão fez o corpo dela primeiro se contrair, depois se retesar e tombar como se tivesse levado uma pancada no peito. Iluminado pelas chamas, via-se vômito escorrendo pescoço abaixo. Os maxilares pareciam mastigar um grito engrolado pela espuma que se seguiu, formando pequenas bolhas de ar no canto da boca. Os dedos dela, trêmulos, agarravam os lençóis em chamas, e no desvario jogava sobre si mesma o fogo que, depois de alcançar o travesseiro, queimava seus longos cabelos. O gemido que não conseguia articular parecia formar um nó na garganta; somente agudo estertor saía por ela. Os estalos da madeira e o tamanho das chamas aumentaram. De repente, apoiando-se sobre o cotovelo, estendeu-lhe a mão em forma de garra; foi apenas um segundo agonizante, pois nova convulsão a sacudiu, e dessa vez sua violência fez a cama tremer. Nauseado, retendo a respiração, saiu do quarto e trancou a porta atrás de si. Correu até a escada e lançou-se degraus abaixo em direção ao térreo, sem importar-se com mais nada a não ser fugir dali. Abriu a porta da rua, parou um instante para respirar o ar da noite profunda e logo a seguir, num pulo, escondeu-se nas sombras do jardim e vomitou. Depois esperou. Esperou até ver as línguas de fogo assomarem pela janela do quarto. Ficou ali até as chamas, queimando as cortinas de veludo, tornaram-se fragorosas e expandirem-se, iluminando o jardim, refletindo-se faiscantes na órbita de seus olhos bem abertos, para captar cada minúcia de sua pirotecnia. Esperou ouvir os vidros da janela se estilhaçarem pelo calor. Piscou quando, minutos depois, outras janelas da casa explodi-

ram em turbilhão de faíscas. Sentiu o cheiro de livros sendo incinerados, sabia que naquele momento ardiam as roupas e as portas, inclusive as secretas. Não se mexeu até estar convicto de as maçanetas se terem torrado, inflamado os móveis e os quartos, escadas e candelabros derretidos. Ouviu lustres, garrafas e cristaleiras explodirem num iluminado pipocar de festa e chiados de cimento sucumbirem ao calor das labaredas. Faltoulhe ar ao vislumbrar paredes se abrasando até caírem com fragor, mergulhando em poça de fagulhas, e logo os tijolos viraram brasas, e cinza seu ódio. Adivinhando o corpo calcinado, misturou-se aos apavorados vizinhos e curiosos, que, fascinados pelo espetáculo pirotécnico, nem deram pela sua presença. Só então, iluminando-lhe as costas a luz do vulcão que o libertaria dos incômodos do passado, desapareceu em direção ao amanhecer.

O mar o esperava.

SÃO PAULO, CAPITAL DO CAFÉ. GUARUJÁ EM CHAMAS. ABOLIÇÃO DECRETADA EM OITENTA E OITO. MAS SINHÂ, LIGA?

Fazia três longos dias que não se viam, mas nesse instante lá finalmente estava o corpo todo e nu a esperar. De bruços na cama, parecia dormir. Segurando a taça de champanhe, Magda derrubou no seu interior uma dose de cocaína que, misturada à bebida, fez aumentar a efervescência. Depois de beber um trago, chegou-se até a borda da cama e ficou a observar: a luz caprichosa e pouca iluminando em vários tons de intensidade o corpo quase imóvel e acafetado. Marrom mais claro no traseiro arrebitado, preto intenso no meio das costas, café no braço sólido em cujo extremo dois dedos da mão direita brincavam de perninhas caminhantes pelo chão. "Devia estar jogando futebol." Sim, ele estava aguardando, inocente e provocador. Magda tirou a pouca roupa restante após os preâmbulos eróticos que a deixaram no limite exato da excitação e cuja secreção já umidificara até os lábios da vulva. Agora nua, subiu na cama. A partir dos pés dele, de joelhos abertos foi chegando até encaixar o traseiro entre suas pernas. Num forte aperto, sentiu o útero se expandir e, meneando os quadris, esfregou-se nele, criando ondas elétricas prontas a desabar em centelhas sobre ele. Suas longas unhas arranharam de leve a nuca, os ombros, desceram pelas costas, chegaram nas coxas, agarraram o traseiro. Adorava ver o contraste de sua pele branca com a dele. Na primeira relação que tiveram, enquanto o carnaval explodia nas ruas, voltara o orgasmo tão duradouro e elétrico, iguais aos experimentados na fazenda há muito tempo com um outro negro, Tonho; também obsequioso a princípio, o peão fizera com ela - a seu pedido -o que bem quisera. E sua inconveniente virgindade desaparecera finalmente. Recordou para sempre os desfrutes daquele verão. Na primeira vez, ele teria pouco mais de vinte anos quando lhe ordenara que a acompanhasse na cavalgada. Hora depois, chegaram num riacho; ofegantes da galopada, desceram da montaria. Num repente, ela arrancara as botas, a roupa, e nua, mergulhara na água. Ordenando para o espantado peão: "Vai, moleque, tira esses trapos

e entra n'água também!" Tímido, mas obediente, tirara os trapos detrás dum arbusto e mergulhara imediatamente. Algum tempo depois de esfregas e lambidas, ele perdera toda a timidez cabocla e desatara o animal escondido dentro dele, deixando-a louca de desejo. Até lhe ordenar: "Vem cá, nego, me estupra! Aqui, nesta lama. Me chama de *Vasmicê, Sinhá*, igual teu pai, escravo da minha mãe! Me come, me morde, desgraçado!"

Muitos domingos estariam esperando por cavalgadas assim. Mordia os lábios ocultando o riso quando lhe aconselhavam amenizar suas cavalgadas cotidianas, origem certa daquelas dores nas pernas e nas costas de que se queixara sem se dar conta. No fim das férias, teve de voltar a São Paulo. Naquela ocasião soube que o negro desaparecera da fazenda; com estúpida indiferença, seu pai nada fizera para reencontrá-lo. "Magda, minha filha, a abolição foi decretada em 88." Chorou e depois se masturbou até sangrar. A sensação do membro na boca, entre suas pernas e dentro dela, ficou por muito tempo. Na verdade, aquele formigamento permanecera toda sua vida, acompanhando a umidade da vagina e sua excitação quase permanente. Ao ver aquele negro no Clube do Guarujá, tão parecido com Tonho, as pernas tremeram como se tivessem vida, ou, melhor, memória própria, ameaçando deixá-la cair escada abaixo. O negro, a poucos metros de onde se encontrava, ajoelhado no gramado verde -jardineiro do clube? -, olhava embevecido os malabarismos espetaculares dos aviões que assombravam todo o mundo. Assombroso era ser parecido com o outro fujão, da fazenda e de suas pernas. Era o sorriso de deleite mostrando a fileira de dentes branquíssimos reluzindo ao sol como o metal dos aviões aloprados, que o fazia parecer uma criança divertindo-se no circo. Criança entraria no seu circo? Ela se levantara e ficara a fitá-lo fixamente. Leve tremor na mão segurando a taça de champanhe, mas nem por um segundo a luz da prudência acendeu-se. Afinal, bem perto, amigos do marido e até Santos Dumont, numa furtiva passagem pelo Brasil, compartilhavam a mesa. Onde também se encontrava seu amado sobrinho Fausto, de quem precisaria para concretizar a fantasia, esta sim, luz acesa brilhando na mente há tempos. Neste momento, desejo premente.

Estão aqui as chaves daquele casebre, Tia Magda. Meu administrador nada perguntou quando as requisitei, mesmo sem entender. Nem eu. Seja o que for, sei que vai-se divertir, bella.

E se tornaria real a partir daquele dia no Guarujá, enquanto seu marido Ricardo Alvarenga, meio alucinado desde o *crach* da bolsa de Nova York no ano passado, estava em Santos negociando, jogando no mar ou incendiando mais algumas toneladas de café. Essa crise não a afetava, os investimentos do pai na rede ferroviária pouco ou nada tinham a ver com ela. As ações na Railway e na crescente indústria têxtil de Blumenau lhe garantiam recursos ilimitados. Café sempre fora dor de cabeça, e sujo. Não andava arrancando cabelos pela casa só por causa dos negócios incompetentes de desconhecidos em Nova York! Todas essas fortunas investidas numa monocultura sensível ao sabor da política econômica de outros países e das mazelas não menos desastradas deste Brasil. Desastres em que o pai, em vida, nunca entrara e nem sua mãe, certamente, se estivesse viva, e nem ela. Não, não. Frustração dessa espécie, não era com ela. Tinha outras, como escrevinhar algumas poesias - provável herança de sua mãe, que, lhe contaram, era uma iluminada romântica que vivera só para ler e escrever poemas e não continuou porque morreu ao pari-la -, que praticamente desistira de continuar a cometer, quando, suficientemente bêbada na ocasião, teve a infelicidade de mostrar a Oswald: "Magda, existem mais trovas no espaço de tuas entrepernas que nas entrelinhas de teus poemas". Fanfarrão sempre! O outro desastre foi casar-se com o "Caipirão Rubiácea", como Fausto apelidara Ricardo. Já desistira de se perguntar se o fizera por puro capricho ou por tédio. Preferiu considerar que o fizera num acesso de "obediência civil" e, como indicara seu advogado, para manter a aparência de legitimidade, o que beneficiaria o relacionamento com os sócios nos negócios. De toda maneira, descobriu logo duas coisas. Primeiro, sendo usada por ele, sem muita habilidade em ocultar, para conseguir vantagens nas suas relações de cunho político sobretudo, pois o ambicioso parecia ter pretensões de candidatar-se a algum cargo ou algo assim aborrecido. E segundo, o sexo ralo e insatisfatório desde o primeiro dia. Ele jurara melhorar quando passasse o nervosismo provocado por antiga timidez cabocla. Aprenderia com ela, tivesse um pouco mais de paciência. Não, não aprendeu, e a preguiça da professora fez o aluno renitente dormir em outro quarto, levando torpor e pesadelos e seus intoleráveis roncos fazendeiros. A separação legal, de que começara a cogitar, levaria tanto tempo e traria tantos aborrecimentos, que terminou despertando a mesma preguiça da professora. Sempre dei-

xando para depois, mês que vem, ano que vem... Tão aborrecido isso tudo! Não, ela preferia divertir-se, porém, cuidando para que essa parte de sua vida permaneces-se, senão indevassável, pelo menos abafada. Ele seria capaz de emporcalhar tudo, se soubesse. O senso de humor do coitado devia ter sido incinerado junto com uma super safra. (Mudanças recentes no seu comportamento indicavam que não apenas seu humor tropeçava, mas embaralhavam-se as próprias cordas do equilíbrio mental.) Enfim, mentir e omitir podia ser trabalhoso; se descoberta, iria provocar reações lamentáveis e enfadonhas... Mas quanto mais proibido e bizarro, mais excitante, *n'est-ce pás?* Naquele dia existia um deserto ao seu redor, onde se encontrava somente ela, aquele homem negro e os "gansos" de metal sobrevoando suas cabeças. Até ele perceber estar sendo observado e ficar sisudo de repente, o que só durou um segundo. Sentiu-se mais excitada ao vê-lo desviar o rosto, tentando esconder o sorriso - ela desejava ou adivinhava fosse - de malandro e safado. Nada de crianças no seu circo! A perturbadora sofreguidão entre as pernas amainou no instante em que teve a certeza. Seria desta vez, após várias aventuras tão fulminantes como chatas, e obedecendo às solicitações da tirana faminta que se albergava no "poema de entrepernas", montaria naquele ginete cujo nome podia ser "Tonho" ou "Jardineiro!" *"Porte-bonheur"!* Tanto faziam os nomes. Mas a chamasse "Sinhá" e "Vosmecê"! Deliciosamente infantil! Audaciosa, convidou-o a segui-la com apenas um sinal. Para sua surpresa e satisfação - como se estivesse aguardando, ele obedecera sem dizer palavra alguma. E também nada disse, ao chegar ao estacionamento e entrar no carro atrás dela. Durante todo o trajeto pela Estrada do Mar não se olharam nem se falaram, até chegarem a São Paulo. No longo percurso, saboreando aquela onda inquietante de esperança e pesar mesclados, que o risco e o obstáculo vencido emprestam, perguntou- se uma só vez se Pierre, o chofer, manteria a discrição, até certo ponto cúmplice com seu gesto. Gorjeta extra ajudaria a imobilizar sua língua. Isso sempre dava certo com serviçais. Como Ezequiel, o mordomo. Mas este, ao contrário, era para ter a língua agitada e informá-la dos passos de Ricardo. Pelo menos os poucos que lhe interessavam. Depois, no silêncio da mansão vazia, foi o Carnaval mais ruidoso e pecaminoso já passado em toda sua vida. O Corso Paulista solto na rua; o seu titânico Momo, preso dentro dela. Ao fim da jornada, alquebrada a alegoria, Ovídio espreguiçou no

recôncavo das entrepernas. “Exausta, mas não saciada, teve de parar, ainda ardendo de volúpia”, antes de adormecer.

Certeza a branqueia queria era só seu picaçu. Além disso, ele gosta de mordiscar o pinguelo dela até fazê-la chorar de satisfação!

Derramou lentamente um pouco de bebida nas suas costas; isso o fez reagir arrepiado, virando-se e expondo o “picaçu” já ereto. Sua dureza ela constatou ao apertá-lo carinhosamente. Sorriram simultaneamente, cúmplices no mudo comentário sobre tamanho e solidez. Servindo-se da garrafa, encheu de novo o cálice ainda com resquícios de cocaína e, após beber um gole, deixou o resto para bochechar. Inclinou-se e borrifou em cima da ponta escura, antes de introduzi-la naturalmente na boca. O líquido borbulhante provocou nele mais arrepios. A língua acariciou a glande com rápidos movimentos, fazendo o frênulo tremer. Restos de bebida derramando da boca umedeciam e perfumavam ainda mais o fruto carnoso do seu “cabeça-de-negro”. Sentiu os dedos procurando a vulva ardente e tão molhada como o que possuía na boca. Facilitou o encontro com movimento lânguido.

E tinha secura por mulher branca que gosta de sem-vergonheza. “Sinhá”, “Vosmecê”. Assim gosta que a chame. Graças a Deus tem tarimba prós assuntos de bimbada. Contrariamente não estaria levando essa vadiação tão boa. Não é, seu bicho preto?

Sabia perfeitamente quantas vezes se encontraram desde o dia em que o trouxe a São Paulo, praticamente sequestrado. Conta que fazia questão de manter em dia, a fim de se martirizar impudicamente aguardando o próximo encontro naquele rancho escondido em algum subúrbio. Sustentava todos os seus gastos com a intenção de não vê-lo solto por aí. Queria tê-lo só para si, e o tinha! Escravo exclusivo. Necessitando-a, esperando por ela como ar, como refeição, como água, ou melhor ainda, cocaína e champanhe! Impregná-lo dela, mantendo-o dependente, fendedor acorrentado a seu corpo. Era sua vingança por estar sentindo o mesmo. Estaria amando o belo animal? Melhor seria tudo não passar da dolorosa, doce e perversa volúpia. Ou o nome que tivesse essa urgência quase constante de ser penetrada por ele, invadindo todas suas fendas, apaziguando o furor de seu útero, consumindo e sugando todas as faculdades mentais que os diferenciavam dos animais.

A tetéia vai chegando e, sem dizer "OU", arranca suas calças, pega nas prendas, amola seu canivete de fazer gosto té demais. Quando tão excitado, no trevareio, pede pelo amor de Deus, mas ela ri fazendo chapuletada na barriga que nem o jumento da fazenda, diz ela. Segura a vara que nem chicote até esporrar, espalhando pra todo lado.

Mas fantasiar amar um negro ignorante que só sabia falar - se tanto - de sítios e terras das quais sonhava ser proprietário um dia? Um preto provavelmente fugitivo? Melhor era tirar essas ideias da cabeça e se deleitar com a outra cabeça dele, a que estava na sua garganta. O resto não importava, ele não precisava pensar.

Mesmo sendo branca, peituda ela, tinha esse pegadio com ele, pena metida nesse abusar do copo. De sociedade, respeitada e rica. Mocetona! Mas pra ele, quenga sempre quente, e gosta de lambuzar o traseiro com azeite e trastejar nele, levar beliscão nos peito. A buchela dela mordia seu picaçu igual nunca sentira antes. Quem diria, que mocambeiro feito ele, teria chamego com uma branca? E muito da perfumada! Antes dela só bronha ou o catinguento das decaídas, isso sobrando alguns contecos pra pagar a bimbada! Assim mesmo com medo de pegar doença. Troço feito na preocupação perde toda graça o tesão. Bestagem de trepar com aquelas lambisgóias, com mais frescuras de "sinhás" que as próprias. Mas esta aqui, vistosona por demais!

A grossura de milho, saindo e entrando até a garganta; pouco depois passar a língua em toda a extensão; as mãos acariciando os testículos e sentindo a fragrância; a volúpia de proporcionar prazer similar não lhe permitia considerar a possibilidade de aquilo acabar. Talvez ele estivesse apaixonado por ela. "Fantasia divertida e diabólica, Magda." Por que não? Afinal, não existia chance nenhuma de ele encontrar mulher assim feito ela, branca, fogosa e gostosa, rica e... puta! "Se fugisse da mesma maneira que fez o outro negro safado?" Antes disso o mandaria matar, ou ela mesma o faria.

Tipão de mulher! Chaleira só da sua birimbela, o que interessa pr'ela. Só depois de muita sacanagem montava naquela égua branca, trotando até arrebentar. Ela não disse que finalmente tinha conseguido tora de home vistoso na sua vida? Até escrevera versos pr'ele! Gostou disso, seu tição do inferno?

No momento em que, abocanhador, mergulhou entre suas pernas sem ela precisar largar o que possuía na boca, nem terremoto moralista quatrocentista conseguiria arrancá-la dali ou impedi-la de continuar. Logo mais, atingindo o limite do gozo, ele virou-se estabanado, arrancando o membro da boca dela. Nesse movimento inesperado os dentes rasgaram de leve a pele. Ele mordeu o lábio mais por surpresa e aflição e olhou o membro ferido: sangue se misturava à saliva e ao champanhe. Ela fez menção de levá-lo de novo à boca como a ampará-lo, mas ele deu-lhe um tabefe e empurrão, fazendo a garrafa de champanhe virar, derramar o resto sobre a cama e ela tombar de costas. Com o impacto as molas rangeram ruidosamente. Montou sobre ela agarrando com força a garganta até o limite do sufoco; apartando-lhe as pernas, furioso a penetrou. Rebolando o toco morno e sangrento, esfregava-o, entranhado na vagina em vaivém vigoroso, abocanhando lábios e garganta alternadamente. Acelerou os movimentos ao sentir os músculos da vagina fechando em torno dele, sugando-o. E então... então o orgasmo vindo a paralisá-la pouco a pouco, espasmo voluptuoso a eletrificá-la, vindo, bem recebido, bem pungente, vindo, "bem-vindo amor!" Nem sequer os anjos do céu (não estava no zênite?) nem capetas do inferno (não estava também nele?) teriam poder para deter o momento que ansiava eternizar. "Morrer assim", soluçou entre dentes. No frenesi à beira do desmaio, o último som ouvido foi o alarido do gozo dele, o esfrega-esfrega dos seios suados no seu torso e o compasso das molas da cama. Desfaleceu molhada de esperma, sangue, champanhe e lágrimas.

PERNAMBUCO, GOUVEIA. MADEIRA-MAMORÉ. TONHO SONHA COM SÍTIO E ESPERA MORRER VELHO

Quibungo, mãe! quedé océ? tem fantasmas, mãe! fantasmas brancos querem arrancar a língua e meu picaçu, mãe! folga negro! branco não vem cá' se vinhé pau há de levá'. Não carece preocupação ninguém vai arrancá seu picaçu, fio - os branco e quibungo persegue ele, me acode mãe! drume meu fio a mae t'aqui pra no teu picaçu ninguém bota faca nele - mãe, não deixa! Agora druma pretinho do meu coração, Acorda, peste! Tá querendo morrer? *folga negro, branco não vem cá, se vinhé, pau há de leva''.* Acorda, peste! Tá querendo morrer? O susto o acordou. Preso o ar no peito, olhou ao redor. Sorriu meio sem graça. Pesadelo besta, acompanhava-o desde criança! Calor. Tonho olhava o teto contando pela centésima vez as vigas de madeira. Sinhá dormia exausta e nua na cama. Acabavam de ter lapinguachada de mais de três horas. Ela se recuperando para voltar para casa renovada. Fazia sempre isso. Madame fortona, sala dali como se nada. Se descobrissem o caso, ele estaria perdido. Ela não. Com toda a dinheirada? Quem mexeria com ela? Com ele, sim. Um preto do Ceará. Fazer conta não era muito dele, mas devia ter guardados uns bons contecos no baú. No caso de Sinhá aprontar alguma besteira, pegaria seus teréns e se mandaria por esse mundo. Fugido de tudo. Sem amigos. Bom, tinha aquele vendedor, o vizinho preto se dizendo escrevinhador tendo o nome de "Diversos" num jornal; ensinara-o a ler direito - de onde vinha nunca que ia aprender, malmente ferrava o nome - , deu-lhe exemplar do jornal Clarim da Alvorada, que depois passou a comprar todos os dias. Mais por agradecimento ao crioulo. Mas preto, amigo de preto, não vale. Para a justiça, preto não tem amigo nem irmão, tem cúmplice. Tanto lá no Ceará como em São Paulo. Não ficava mostrando seu couro por demais, quanto menos gente conhecer, melhor. Sinhá o batizara de Tonho, melhor assim. Seu nome verdadeiro podia constar nas listas dos tenentes como desertor. Para que cutucar o azar? Nem para a branquela contou o acontecido com ele. Pra que? Só queria mesmo um troço dele. E isso era dela... por enquanto. E ademais perigava saber